



AUTORA DE

tudo o que  
eu sei  
sobre ~~festas,~~  
~~encontros,~~  
~~a vida,~~ o amor

# Dolly Alderton



# Oi, sumido

# Dolly Alderton



## Oi, sumido

Tradução de  
Ana Rodrigues



Copyright © 2020 by Dolly Alderton

TÍTULO ORIGINAL

Ghosts

COPIDESQUE

Mariana Moura

PREPARAÇÃO

Fábio Gabriel Martins

REVISÃO

Juliana Souza

Thais Entriel

Thais Lima

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Christopher DeLorenzo

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**

**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

A335o

Alderton, Dolly

Oi, sumido / Dolly Alderton ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro :  
Intrinseca, 2023.

Tradução de: Ghosts

ISBN 978-65-5560-745-1

1. Ficção inglesa. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

22-81832

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



---

MERI GLEICE RODRIGUES DE SOUZA - BIBLIOTECÁRIA - CRB-7/6439

[2023]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

*Para minha mãe e meu pai,  
por nunca desaparecerem*

# Prólogo

**N**o dia em que eu nasci, 3 de agosto de 1986, a música “The Edge of Heaven”, do Wham!, estava em primeiro lugar na lista das mais tocadas. E, desde que me entendo por gente, sempre foi uma tradição na data botar essa canção para tocar no último volume assim que eu acordava. Eu me lembro de começar todos os aniversários da minha infância ao som de George Michael cantando “yeah, yeah, yeah” nos compassos iniciais da música, enquanto eu pulava na cama dos meus pais, ainda de pijama, e comia pão com chocolate granulado de café da manhã. É por conta dele que meu nome do meio é George: Nina George Dean. Isso me matava de vergonha na adolescência, quando meu peito achatado e o maxilar quadrado já me proporcionavam uma aparência bastante masculina, sem que eu precisasse ostentar o nome de um popstar de meia-idade. Mas, como todas as anormalidades e os constrangimentos da infância, essas coisas acabaram sendo recalibradas na idade adulta, compondo uma personalidade fascinante. O nome do meio esquisito, o pão cheio de margarina mergulhado em centenas de milhares de granula-

dos de chocolate no café da manhã de aniversário — tudo isso se uniu para dar forma à minha própria mitologia, da qual eu um dia falaria com orgulho e perplexidade para gerar expectativa e provocar interesse.

Estranheza assombrosa + tempo = excentricidade fascinante.

No meu 32º aniversário, em três de agosto de 2018, escovei os dentes e lavei o rosto enquanto “The Edge of Heaven” tocava nas caixas de som da sala. Depois, passei o dia sozinha, cozinhando e comendo tudo de que eu mais gostava. No café da manhã, comi um ovo poché com torrada. Aos trinta e dois anos, posso jurar de pés juntos que tem três coisas que eu sei fazer perfeitamente: chegar com cinco minutos de antecedência toda vez que preciso ser pontual; fazer as perguntas certas para as pessoas quando não estou a fim de conversar e sei que elas gostam de um bom ouvinte (*Você diria que é introvertido ou extrovertido? Quem manda: a cabeça ou o coração? Já colocou fogo em alguma coisa?*); e preparar um ovo poché.

Olhei o celular e vi uma selfie dos meus pais sorrindo e me desejando feliz aniversário. Minha melhor amiga, Katherine, me mandou pelo WhatsApp um vídeo de Olive, a filhinha dela, dizendo “Feliz aniversário, tia Niini” (ela ainda não consegue acertar meu nome, apesar das muitas vezes em que tentei ensiná-la). Meera, uma outra amiga, me mandou um gif de um gato todo chique de pelo longo, segurando um martíni com a pata, com a mensagem “MAL POSSO ESPERAR PELA FESTA HOJE À NOITE, ANIVERSARIANTE!!!!!!”, o que significava que ela com certeza estaria na cama antes das onze. Isso é o que acontece quando pessoas com filhos se esforçam muito para aproveitar uma saída à noite: a ansiedade é tão grande que elas ficam exaustas antes da hora, certas de que vão pagar um preço alto pela ousadia, têm uma cri-

se de fobia social e, então, voltam para casa depois de duas cervejas.

Fui até o Hampstead Heath para nadar no Ladies' Pond, o lago só para mulheres. Quando estava na terceira volta, começou a cair uma inofensiva chuva de verão. Eu adoro nadar na chuva e teria nadado por mais tempo se a salva-vidas atenta não tivesse me mandado sair por “questões de saúde e segurança”. Eu falei que era meu aniversário e achei que isso pudesse me garantir mais umas braçadas, mas ela me informou que um raio poderia cair na minha cabeça e “me fritar que nem uma fatia de bacon” se eu estivesse na água e que ela não gostaria nem um pouco de ter que limpar a sujeira, “sendo o seu aniversário ou não”.

Voltei à tarde para meu novo apartamento, o primeiro que comprei. Era um quarto e sala pequeno, em Archway, no primeiro andar de uma casa vitoriana. Na descrição generosa do corretor, o lugar era “aconchegante, excêntrico e precisava de uma reforma”, mas na realidade tinha um tapete com a cor e a textura de café instantâneo, azulejos alaranjados dos anos 1980 e um bidê abandonado no banheiro, além de armários de pinho com duas portas quebradas na cozinha. Eu tinha certeza de que uma reforma levaria o tempo que eu morasse lá, mas ainda assim me sentia uma mulher de muita sorte todas as manhãs, quando acordava e ficava olhando para os relevos ondulados decorando o teto. Nunca imaginei que um dia teria condições de comprar um apartamento em Londres, e a mera realização desse sonho, que até então parecia impossível, o tornava o melhor lugar em que eu já havia colocado os pés.

Eu tinha dois vizinhos: uma viúva idosa chamada Alma que morava no apartamento acima do meu — era uma delícia bater papo com ela no corredor sobre a melhor maneira de cultivar tomates no parapeito da janela e receber doações

generosas de quibe caseiro — e um homem no térreo, que eu ainda não conhecia, apesar de ter me mudado um mês antes e de ter feito várias tentativas de me apresentar. Eu batia na porta dele, mas nunca recebia uma resposta. Alma me disse que também nunca tinha falado com ele, mas uma vez havia conversado com a mulher que morava com ele sobre o relógio de luz do prédio. Eu só o conhecia pelos sons que fazia. Ele chegava do trabalho às seis horas e ficava praticamente em silêncio até a meia-noite, quando cozinhava, jantava e assistia à TV.

Comprei o apartamento juntando as economias dos royalties do meu primeiro livro de culinária, *Sabores*, e o adiantamento do segundo livro, *A pequena cozinha*. O primeiro é um livro de receitas inspirado na culinária da minha família, nos meus amigos, no meu único relacionamento longo, nas minhas viagens e nos meus chefs favoritos. As receitas eram amarradas por memórias. O tema que perpassava tudo era a descoberta dos meus gostos pessoais à medida que aprendia sobre meus gostos culinários, o que eu gostava e o que me satisfazia. Eu narrava como conciliei um trabalho noturno e de fim de semana como dona de um pequeno restaurante com as aulas de inglês que dava em uma escola secundária, e como economizei a ponto de deixar os dois empregos e me tornar escritora de culinária em tempo integral. O livro também mencionava o relacionamento e rompimento amigáveis com meu primeiro e único namorado, Joe, que apoiou minha decisão de escrever sobre nós. *Sabores* foi um sucesso surpreendente e, graças a ele, recebi o convite para escrever uma coluna em um jornal, fiz uma série de parcerias comerciais com marcas de alimentos para as quais vendi a alma, mas que pelo menos rechearam minha conta bancária, e consegui um contrato para escrever mais dois livros de culinária.

*A pequena cozinha*, que eu tinha acabado de terminar, falava sobre o que aprendi cozinhando e recebendo pessoas no pequeno restaurante que montei onde morava de aluguel, um estúdio de um único cômodo, sem espaço para a despensa, usando um fogão minúsculo com apenas uma boca e um forno que parecia de brinquedo. Aquele estúdio foi minha primeira casa depois que Joe e eu terminamos. Eu preferia falar sobre meu terceiro livro, um projeto ainda sem nome sobre gastronomia sazonal, que estava em fase de proposta. Depois de anos e anos escrevendo, àquela altura eu já tinha aprendido que a melhor versão de uma obra era quando ela ainda era apenas uma ideia e, portanto, perfeita.

Tomei banho e coloquei para tocar uma playlist do iTunes, minha favorita havia muito tempo, que eu chamava de “Esquentá” nos meus 20 anos e rebatizei de “Bons tempos” recentemente, para marcar uma mudança de paradigma entre me jogar na pista e desfrutar de forma consciente e responsável. Eu tinha criado aquela playlist no primeiro ano da faculdade para ouvir antes de uma noitada, e sua sequência de cabo a rabo acompanhava o ritual incansável de beleza que eu segui por quinze anos: lavar o cabelo, secar de cabeça para baixo para tentar aumentar o volume em dez por cento, passar batom dando destaque ao lábio superior, aplicar duas camadas de rímel nos cílios, tomar um drinque, borrifar perfume no ar duas vezes e me deixar envolver pela nuvem de partículas. Bem na hora em que a penúltima faixa começava a tocar (“Nuthin’ but a ‘G’ Thang”), o táxi estava sempre esperando do lado de fora enquanto eu depilava as pernas com uma lâmina descartável, em cima da pia, porque tinha me esquecido de fazer isso no chuveiro.

Meu cabelo tinha voltado ao tom castanho-escuro natural, na altura dos ombros. Eu havia adotado uma franja para

esconder os novos vincos na testa, tão sutis quanto papel de seda sanfonado, mas visíveis o suficiente para que eu não quisesse pensar neles. Felizmente, eu não perdia mais tempo com maquiagem. Meu rosto nunca combinou muito com pintura. Eu gostava disso, pois já achava que toda aquela arrumação tomava tempo demais e era pouco feminista, assim como meu total desinteresse por artesanato e esportes. Às vezes, quando me sentia desanimada, gostava de calcular quantos minutos preciosos de vida eu gastaria removendo o buço se vivesse até os 85 anos e quantos idiomas poderia aprender até lá.

Escolhi um vestido preto de gola alta na frente e cavado nas costas para tomar meus drinques de aniversário. Não coloquei sutiã só para mostrar que não preciso, o que também não significava muita coisa com seios tão pequenos. Mas eu não me importava mais — havia me tornado indiferente ao meu corpo. Eu usava um irritante tamanho 40/42, tinha a altura mediana de 1,63 metro e estava feliz porque ter bunda grande estava na moda, tanto que tinha reparado com orgulho que agora ocupávamos mais de duas categorias em qualquer plataforma de streaming de pornografia.

Não tinha convidado muitas pessoas para meu aniversário naquele ano. Em particular, meu ex-namorado. Eu queria que Joe fosse, mas convidá-lo significaria convidar a namorada dele, Lucy. Ela era inofensiva, apesar de ter uma bolsa que parecia um scarpin, mas também achava que havia coisas não ditas entre nós. Depois de beber seus três copos de um vinho rosé específico (“É *blush*?”), perguntava ao barman cansado, provavelmente ela era a 134ª mulher branca a fazer aquela pergunta naquele dia), queria que todas as tais coisas fossem ditas. Lucy me perguntava se eu tinha algum problema com ela ou se sentia alguma estranheza entre nós. E dizia

o quanto eu era importante para Joe e como ele me achava especial. Ela me abraçava várias vezes e repetia que esperava que fôssemos amigas. Havíamos nos encontrado pelo menos cinco vezes, e eles estavam namorando fazia mais de um ano, mas ela ainda acreditava que tínhamos coisas a dizer uma à outra em cantinhos reservados nos eventos sociais. Eu me perguntava por que ela fazia aquilo e, tentando ser positiva, cheguei à conclusão de que Lucy era uma mulher que assistia a muitos reality shows na TV. Ela obviamente acreditava que uma festa não era uma festa até que duas mulheres de vestidos peplum dessem as mãos, enquanto uma dizia: “Depois que você dormiu com o Ryan, parei de gostar de você como amiga, mas sempre vou te amar como uma irmã.”

No total, vinte convidados apareceram no pub, a maioria amigos da faculdade, alguns da escola, antigos colegas de trabalho e outros do meu trabalho atual. Isso sem contar também alguns amigos que eu encontrava precisamente duas vezes por ano, no aniversário deles e no meu. Entre nós havia um acordo tácito de que, embora não quiséssemos perder contato, não tínhamos absolutamente nenhum interesse na amizade além desses encontros semestrais. Eu achava isso legal e ao mesmo tempo triste.

Segundo a etiqueta, eu também deveria convidar parceiros e cônjuges. Estes eram principalmente homens bem-intencionados, mas eu não esperava manter uma conversa animada com eles, pois já sabia que passariam a noite sentados num banco bebendo cerveja, sem dizer nada além de “feliz aniversário” sempre que passassem por mim para ir ao banheiro, até se cansarem e convencerem a namorada a ir para casa. Eu ficava fascinada com os homens que minhas amigas escolhiam para compartilhar a vida, especialmente com a forma como interagiam uns com os outros. Quando eu estava com

Joe, as namoradas e esposas dos amigos dele se juntavam em todas as reuniões como velhas companheiras de guerra. Nós falávamos, ouvíamos, aprendíamos umas sobre as outras, nos aproximando cada vez mais à medida que nos cruzávamos por meio de nossos namorados. Ao longo dos anos, fui notando que os namorados faziam o oposto disso quando se viam reunidos. Fui observando que para a maioria dos homens uma boa conversa significa comunicar fatos ou informações que outras pessoas ainda não sabem, ou contar um caso, ou dar dicas ou conselhos a alguém sobre um plano futuro, ou de maneira geral deixar sua marca no discurso como um filete de mijo numa árvore. Se por acaso aprendessem mais do que ensinassem ao longo de uma noite, ficavam mal-humorados, como se a festa não tivesse sido um sucesso ou eles estivessem por fora das novidades.

O que eles mais gostavam era de trivialidades em comum. Vi isso acontecer no aniversário de todas as minhas amigas, essa tentativa de se identificar com algum pensamento ou experiência a fim de sentir uma conexão instantânea com outro homem, sem ter que fazer nenhum esforço para conhecê-lo ou entendê-lo: *Ah, sim, o meu irmão também foi para a universidade de Leeds. Onde você morou? ESTÁ BRINCANDO! Então me diz uma coisa: você conhece Silverdale Road, perto da cooperativa? Bem à esquerda da cooperativa. Essa mesmo. A namorada do amigo do meu irmão tinha uma casa lá! Que mundo pequeno. Você já foi ao pub que fica naquela esquina? O King's Arms? Não? Ah, pois deveria, é um ótimo pub, incrível mesmo.*

A única cara-metade que eu adorava era Gethin, namorado de longa data de Dan, meu amigo da faculdade. Nós três éramos muito próximos e tínhamos vivido algumas das noites mais loucas da minha vida e feito as viagens mais incríveis juntos. Mas a verdade era que eles vinham me decepção-

nando. Achei que sempre poderia contar com Dan e Gethin para quebrar tabus, mas eles começaram a fazer escolhas mais convencionais entre todos os que eu conhecia. Os dois haviam “fechado” o relacionamento, o que foi uma decepção porque suas respectivas escapadas sexuais geravam o maior bafão e para mim eles eram o único exemplo de sucesso de relação não monogâmica que eu já havia conhecido. Dan e Gethin tinham combinado umas regras complicadas em relação ao consumo de álcool, o que significava que eles bebiam em certos fins de semana; em outros, não; e não bebiam durante a semana em hipótese nenhuma. E pararam de sair porque estavam sempre economizando dinheiro para alguma coisa. Tinham acabado de iniciar um processo de adoção e comprado uma casa de dois quartos em Bromley.

Dan e Gethin ficaram no pub apenas o tempo necessário para tomarem duas limonadas e me contarem sobre o pesadelo de lidar com a árvore do vizinho, que era alta demais e se alastrava para o jardim deles. Foram embora antes das oito para “voltar para Bromley” como se fosse uma jornada a Mordor.

Recebi vários presentes atenciosos, que deixavam claro que as pessoas haviam compreendido perfeitamente quem eu era e como isso se manifestava nos meus gostos e no meu estilo de vida. Ganhei uma primeira edição de *Os casamentos de Pentecostes*, do Philip Larkin; um vidro de pimenta defumada de uma marca que eu adoro e que só pode ser comprada nos Estados Unidos; um vaso de dinheiro-em-penca que serviu como presente para a casa nova e como amuleto da sorte para meu novo livro. O único presente engraçadinho foi da minha ex-chefe da escola em que eu tinha trabalhado, que me deu uma gravura emoldurada de uma mulher dos anos 1950 lavando louça, com a legenda: *Se Deus quisesse que eu fizesse o trabalho doméstico, ele teria colocado diamantes na pia!* Aquela não

foi a primeira vez que recebi um presente do tipo, e cheguei à conclusão de que meus anos de solteira, somados à minha predileção por Vodca Martíni, faziam as pessoas acharem que eu gostava desses slogans vintage bregas que expressam piadas com mulheres bêbadas, desesperadas, sem filhos, chcolatras ou consumistas. Agradei a ela.

Eddie e Meera me ofereceram uma carreira de cocaína. Eles estavam desesperados para ter sua “primeira noite de verdade juntos em um ano e meio” porque, naquele meio-tempo, Meera ficou grávida, deu à luz e parou de amamentar, o que significava que podia beber até cair sem fazer mal ao bebê. Eles tinham nos olhos aquela expressão insana que eu já havia visto em pais e mães que estavam saindo à noite pela primeira vez. Recusei educadamente. Não me importei por terem levado a droga para a festa, mas reparei que, enquanto estava cheirada, Meera não parou de falar sobre a necessidade de uma licença-paternidade, repetindo a expressão “os conceitos patriarcais que são o padrão na criação dos filhos”. Inquieto, Eddie ficava o tempo todo mudando o peso do corpo de um pé para o outro, e os dois falavam sem parar sobre o Festival de Glastonbury como se fossem seus fundadores.

Lola, Minha Única Amiga Solteira, me puxou para o lado e confessou, nervosa, que se sentia excluída e julgada por todos os casais. Ela estava usando batom vermelho e um penteado muito estranho, com mechas presas meio para cima e meio para baixo, não muito diferente de uma peruca de juiz. Lola só fazia aquele tipo de penteado quando queria disfarçar a ressaca. Ela admitiu para mim que a noite anterior tinha sido um pouco pesada. Teve um encontro às sete da noite que começou em um pub ao lado do canal, depois se transformou em um jantar, seguido de uma ida a um bar, então a outro, e só voltou para casa às três da manhã. Era

óbvio que estava virada. Minha Única Amiga Solteira trabalhava com eventos, mas naquele momento eu a teria descrito como alguém que estava na pista para jogo. Depois de dez anos solteira, estava doida para namorar sério. Lola era minha melhor amiga da faculdade, e ninguém do nosso grupo de amigas jamais entendeu por que nenhum de seus poucos encontros virava algo mais sério. Era charmosa, engraçada, bonita e tinha ganhado na loteria genética, sendo dotada não apenas de seios enormes, mas também de seios enormes que não precisavam de sutiã. Ela me disse que estava “arrancando os cabelos” por causa do cara da noite anterior. Eu fiz uma piada falando que o penteado refletia seu estado de espírito. Ela disse que ia voltar de metrô para casa, por isso não ia ficar muito tempo. Falei que o irmão mais novo de Eddie ia chegar em breve. Era solteiro, tinha 26 anos, futuro veterinário. Ela respondeu que, nesse caso, poderia tomar mais um espumante antes de ir.

Katherine, minha amiga mais antiga, que eu conhecia desde o primeiro dia no ensino médio, me perguntou o que eu queria para o ano seguinte. Respondi que achava que estava pronta para conhecer alguém. Ela se iluminou todinha. Acho que, para Katherine, minha decisão de procurar um relacionamento significava que finalmente eu aprovava sua escolha de se casar e ter filho. Percebi que aquilo era uma coisa que as pessoas faziam quando chegavam aos trinta: viam cada decisão pessoal que o outro tomava como um julgamento direto à vida delas. Se você votou em algum candidato de esquerda e eles em alguém de direita, acham que você só fez isso para mostrar que a posição política deles era incorreta. Caso tenham se mudado para o subúrbio e você não, acham que você só tomou essa decisão para provar que sua vida é mais glamorosa do que a deles. Katherine havia cedido à monogamia

aos vinte e poucos anos, quando conheceu o marido, Mark, e, desde então, tentou convencer todos a fazer o mesmo.

Eu já estava solteira e sozinha — ou melhor, solteira e sem namorar — havia dois anos, desde o fim do meu relacionamento com Joe (depois de sete anos, quatro deles morando juntos, com nossa vida e nossos grupos de amigos completamente misturados, comecei a reparar que ele dizia coisas como “é pavê ou pra comer” diante da sobremesa e “book de faces” em vez de Facebook). Assim que terminamos, tentei pôr em dia todo o sexo que não tinha feito nos meus vinte anos dando pra geral durante seis meses. Mas “dar pra geral” para mim significava dormir com três homens, sendo que tentei transformar todos em namorados. Após me autodiagnosticar como codependente, decidi parar de namorar antes do meu trigésimo aniversário e descobrir como era ficar sozinha de verdade. Desde então, fui morar sozinha pela primeira vez, viajei sozinha pela primeira vez, passei de professora e escritora em meio-período para escritora em tempo integral com livros publicados e, de modo geral, desaprendi todos os hábitos acumulados em quase uma década de vida aconchegante e confortável a dois. Recentemente, comecei a me sentir pronta para namorar de novo.

Pedimos a saideira às onze da noite. Katherine foi embora um pouco antes porque estava grávida. Ela não tinha me contado ainda, mas eu percebi, porque ela comeu picles sem parar. Pegou os picles dos hambúrgueres de todo mundo e depois pediu um prato só dessa conserva. Ela havia passado a gravidez inteira de Olive tendo desejos intensos por comidas de sabor forte. Perguntei se tinha sido o desejo por umami, o “quinto sabor”, que inspirara o nome do bebê. Ela não achou graça. Nos últimos anos, aprendi muito sobre o que mulheres grávidas e mães de bebês não gostam, e uma dessas coisas é

quando alguém tem dúvidas ou comentários sobre o nome da criança. Uma amiga parou de falar comigo quando comentei que *Beaux* é um termo do francês no plural — achei a informação bastante útil — e que ela deveria grafar o nome do filho como *Beau*. Ele já havia sido registrado. Outra se irritou quando escolheu chamar a filha de *Bay* e eu comentei que me lembrava o site de compras. Essas mães ficam particularmente incomodadas quando contam o nome do bebê “confidencialmente” e você sem querer comenta com outra pessoa, que por sua vez comenta com elas.

Mas a pior gafe — equivalente a perguntar a idade de alguém, arrotar em público, comer direto da faca — é quando você tem certeza de que uma mulher está grávida e pergunta isso a ela. Você também não pode dizer que sempre soube quando elas finalmente contam a novidade. As futuras mães *odeiam* isso. Elas gostam do toque teatral de uma grande revelação. Compreendo e, sinceramente, acho que eu também seria assim. Você precisa se empolgar com alguma coisa, já que vai passar nove meses sem tomar um drinque. Por isso, segui a deixa e não comentei nada quando Katherine saiu da festa com a desculpa nada convincente de ter que “levar o carro para o concerto” na manhã seguinte.

Por volta das dez da noite, houve a sugestão de irmos todos para um clube noturno na King’s Cross, que ficava aberto 24 horas. A ideia foi principalmente do estagiário de veterinária recém-chegado, com quem Lola já estava conversando, fazendo charme com o penteado que parecia uma peruca, mas às 23h15 ninguém tinha se animado. Eddie e Meera tinham que voltar para liberar a babá, e lamentei pela noite agitada e insone que os aguardava, enquanto eu via suas mandíbulas se projetarem ritmicamente para cima e para baixo. Lola e o veterinário foram em busca de um “bar de vinhos”, o que

significava um lugar escuro onde pudessem falar bobagens de bêbados um com o outro, até que um dos dois tomasse a iniciativa e eles pudessem se agarrar em cima de uma banqueta. Achei ótimo, porque já estava pronta para dormir. Eu me despedi dos convidados que restavam com um abraço e disse a cada um, não exatamente sóbria, que amava a todos.

Quando cheguei em casa, ouvi meio episódio do meu podcast favorito do momento, que contava de forma leve e descontraída a história de mulheres *serial killers*, tirei o rímel, passei fio dental e escovei os dentes. Então, guardei minha nova edição do velho *Os casamentos de Pentecostes* na estante e coloquei o vaso de dinheiro-em-penca no console da lareira. Eu me sentia absolutamente satisfeita, de um jeito que não era comum. Naquela noite de agosto, nas primeiras horas do segundo dia do meu 32º ano de vida, parecia que cada componente aleatório da minha vida havia sido projetado para se encaixar naquele exato momento.

Eu me deitei na cama e baixei um aplicativo de relacionamento pela primeira vez na vida. Lola, uma veterana do namoro on-line, me disse que no Linx (que tinha como logotipo a silhueta de um gato selvagem à espreita) estavam os homens mais interessantes e a melhor taxa de sucesso em relacionamentos de longo prazo.

Preenchi os campos de “Sobre mim”. *Nina Dean, 32, escritora de culinária. Localização: Archway, Londres. Procurando por: amor e pelo pain au raisin perfeito.* Coloquei algumas fotos e dormi.

Meu 32º aniversário teve a comemoração mais simples de todas. O que foi uma maneira incrivelmente deliciosa de começar o ano mais estranho da minha vida.

# PARTE UM

*“É a nossa imaginação que é responsável  
pelo amor, não a outra pessoa.”*

Marcel Proust

# 1

**M**orar no subúrbio ao norte de Londres não era nada além de pragmatismo para meus pais. Sempre que eu perguntava por que escolheram trocar East London pelo subúrbio, quando eu tinha dez anos, eles mencionavam aspectos práticos: era um pouco mais seguro, o metro quadrado era mais barato, era perto da cidade, de escolas e rodovias. Eles falavam da mudança para Pinner como se estivessem procurando um hotel que ficasse perto do aeroporto para um voo nas primeiras horas da manhã — um lugar conveniente, que ninguém conhecia, descomplicado, sem nada de especial, mas que dava conta do recado. Nada sobre o lugar trazia qualquer prazer sensorial ou um motivo de apreciação: nem a paisagem, nem a história do lugar, nem os parques, a arquitetura, a comunidade ou a cultura. Eles moravam no subúrbio porque era perto de certas coisas. Eles haviam organizado a casa e, conseqüentemente, toda a vida em torno da conveniência.

Quando estávamos juntos, Joe costumava usar o fato de ser do norte de Londres como um argumento contra mim

quando discutíamos, uma forma de provar que ele era mais autêntico e mais pé no chão do que eu e que, portanto, era mais provável que estivesse certo. Essa era uma das coisas de que eu menos gostava nele, o modo como tinha preguiça de argumentar e usava Yorkshire como resposta para tudo. No início do nosso relacionamento, Joe me fazia sentir como se tivéssemos crescido em mundos diferentes, porque a mãe dele trabalhava como cabeleireira em Sheffield e a minha era recepcionista em Harrow. A primeira vez que Joe me levou à casa dos pais — uma casa modesta, de três quartos, em um subúrbio de Sheffield —, me dei conta da balela que ele havia me contado. Se eu não soubesse que estava em Yorkshire, teria jurado que estávamos passando pelas casas com paredes chispiscadas e janelas grandes que ficavam no limite entre Londres e o início de Hertfordshire, onde passei a adolescência. A rua sem saída de Joe era igual à minha, as casas eram todas iguais, a geladeira dele estava cheia dos mesmos iogurtes de frutas e do mesmo pão de alho pronto para assar. Ele havia tido uma bicicleta igual à minha e, durante a adolescência, passava os fins de semana subindo e descendo as ruas de casas idênticas com telhados vermelhos, assim como eu. Seus pais o levavam ao Pizza Express para comemorar o aniversário, como os meus. O segredo tinha sido revelado.

— Chega de ficar inventando que tivemos uma criação completamente diferente, Joe — disse a ele no trem, quando voltávamos para casa. — Chega de fingir que você faz parte de uma música escrita por Jarvis Cocker sobre estar apaixonado por uma dama da aristocracia medieval. Você pertence tanto a essa música quanto eu a uma de Chas and Dave. Crescemos em bairros iguais.

Nos últimos anos, me peguei sentindo falta da familiaridade da casa onde morei com meus pais. As ruas principais que

eu conhecia, com uma grande quantidade de dentistas, cabeleireiros e agiotas e a total ausência de cafés que não sejam de alguma franquia. A longa caminhada da estação até em casa. As mulheres com o mesmo chanel longo, os homens calvos, os adolescentes de moletom. A ausência de individualismo; a pacífica concordância com o comum. Ser jovem havia se transformado muito rápido em ser adulta — com a lista diária de escolhas para confirmar quem eu era, em quem votei, qual era meu provedor de internet. Por isso, retornar ao cenário da minha adolescência por uma tarde parecia uma breve viagem no tempo. Quando eu estava em Pinner, podia ter dezessete anos de novo, só por um dia. Podia fingir que meu mundo era míope, minhas escolhas, sem sentido, e que as possibilidades à minha frente eram amplas e ilimitadas.

Minha mãe atendeu a porta como sempre atendia — demonstrando que tinha uma vida muito ocupada. Ela deu um sorriso tímido de desculpas quando me viu, o telefone sem fio pressionado entre a orelha e o ombro.

— Desculpe — disse apenas com o movimento da boca, e revirou os olhos.

Ela usava uma calça preta de malha que não tinha um corte que a fizesse parecer uma calça social, nem era apertada o suficiente para ser uma legging, nem desleixada a ponto de ser um pijama. Usava também uma camiseta de gola redonda, cinza-mescla. E estava enfeitada com suas joias de sempre: uma pulseira grossa de ouro, outra mais fina, brincos de pérola, corrente de ouro no pescoço e a aliança. Meu palpite era que ela estava chegando ou saindo para alguma espécie de exercício físico. Ficou obcecada por exercícios depois que fez cinquenta anos, mas acho que não chegou a perder nem meio quilo por isso. Seu corpo continuava com a camada pós-me-

nopausa: uma pequena papada, a cintura mais grossa, a carne sobrando na parte de trás do sutiã, visível através da camiseta. E ela era linda. Tinha grandes olhos e um tipo de beleza que não chega a ser estonteante, mas que evoca um certo magnetismo familiar a todos, como uma lareira, um buquê de rosas ou um cocker spaniel dourado. O cabelo na altura do queixo, castanho-escuro como café expresso, embora entremeadado com fios grisalhos, era lindo e volumoso, e os reflexos dourados cintilavam sob o lustre da Ikea que pendia do teto. Não herdei quase nada da aparência da minha mãe.

— Sim, tudo bem — disse ela ao telefone, gesticulando para que eu entrasse. — Ótimo, vamos marcar um café para a próxima semana, então. É só me dizer a data. Vou levar aquele tarô autoexplicativo de que falei. Não, de forma alguma, na verdade pode até ficar com ele. Comprei por um canal de vendas na TV, muito fácil. Está bem, está bem. Nos falamos, então, beijo! — Ela desligou o telefone e me deu um abraço, antes de me segurar com o braço estendido e examinar minha franja.

— Corte novo — comentou, olhando com curiosidade, como se estivesse tentando decifrar uma palavra cruzada.

— É — falei, largando a bolsa e tirando os sapatos (todos tinham que tirar os sapatos ao chegar, a regra era mais rígida ali do que na Mesquita Azul). — Cortei antes do meu aniversário. Achei que seria bom para cobrir as rugas-de-trinta-e-dois-anos na minha-testa-de-trinta-e-dois-anos.

— Não seja boba — disse minha mãe, ajeitando a franja com cuidado. — Você não precisa de um esfregão na cabeça para isso, só de uma boa base.

Eu sorri, sem me ofender, mas também sem achar graça. Já tinha me acostumado com o fato de que minha mãe estava sempre desapontada com o que considerava falta de vaidade da minha parte. Ela teria adorado ter uma filha com quem pu-

desse comprar roupas para as festas de fim de ano e conversar sobre primer facial. Na adolescência, quando Katherine aparecia na minha casa, minha mãe oferecia a ela todas as suas bijuterias e bolsas antigas, e as duas ficavam examinando as peças juntas, como duas amigas em uma loja de departamentos. E ela se apaixonou profundamente por Lola na primeira vez que se viram, só porque ambas eram obcecadas pelo mesmo iluminador.

— Cadê o papai? — perguntei.

— Lendo — disse ela.

Olhei pelas portas francesas da sala de estar e vi o perfil do meu pai na sua poltrona verde-garrafa, com os pés apoiados numa banqueta e uma grande caneca de chá na mesinha ao lado. Seu queixo marcado e nariz comprido se projetavam — o queixo e o nariz que também me pertencem — como se estivessem competindo para alcançar a linha de chegada em uma corrida.

Havia dezessete anos de diferença entre minha mãe e meu pai. Eles se conheceram quando ele era o vice-diretor de uma escola pública no centro da cidade e ela foi encaminhada para lá pela agência de secretariado, para ser recepcionista. Na época, mamãe tinha 24 anos, ele, 41. As diferenças de personalidade entre eles eram tão grandes quanto a diferença de idade. Meu pai era sensível, gentil, curioso, introspectivo e intelectual — não havia quase nada que não o interessasse. Já minha mãe era prática, proativa, organizada, direta e autoritária. Não havia quase nada em que ela não se envolvesse.

Fiquei algum tempo observando meu pai por trás das portas de vidro. Daquele ponto de vista, ele ainda era só meu pai, como sempre havia sido — lendo jornal, pronto para me contar para onde vai o lixo na China, ou dez coisas que eu talvez não saiba sobre Wallis, a duquesa de Windsor, ou o drama do fal-

ção em extinção. Meu pai, que conseguia me reconhecer em um nanossegundo — não meu rosto, mas tudo o que eu era. O nome do meu amigo imaginário de infância, o tema da minha dissertação, meu personagem favorito do meu livro favorito e o nome das ruas de todos os lugares em que já morei. Ao olhar para o rosto dele, vi principalmente meu pai, mas às vezes via algo mais em seus olhos que me perturbava: às vezes parecia que tudo o que ele compreendia tinha sido despedaçado e que estava tentando reorganizar esses pedaços em uma colagem que fizesse sentido.

Fazia dois anos que meu pai havia tido um derrame. Poucos meses depois de se recuperar, percebemos que ele não estava totalmente bem. Meu pai, sempre tão astuto e inteligente, estava mais lento. Ele passou a esquecer nomes de parentes e amigos íntimos. Sua confiança e sua capacidade de tomar decisões diminuíram. Ele começou a sair andando sem rumo e se perder. Muitas vezes, esquecia a rua em que morava. A princípio, minha mãe e eu achávamos que era só velhice. Fomos incapazes de enfrentar a possibilidade de algo mais sério. Então, um dia, ela recebeu um telefonema de um estranho dizendo que viram meu pai dando voltas na mesma rotatória, grande e movimentada, por vinte minutos. No fim, alguém conseguiu fazê-lo encostar o carro — ele não tinha ideia de como desligar o motor. Fomos ao clínico geral, que passou uma série de exames físicos, avaliações cognitivas e ressonâncias magnéticas. A possibilidade que tínhamos foi confirmada.

— Oi, pai — falei, indo até a poltrona.

Ele ergueu os olhos do papel.

— Olá, você! — disse.

— Não se levante.

Eu me abaixei para lhe dar um abraço.

— Algo interessante para me contar?

— Há uma nova adaptação cinematográfica de *Persuasão* — contou, me mostrando a crítica.

— Ah, Jane Austen para cabeçudos.

— Isso mesmo.

— Vou ajudar a mamãe com o almoço.

— Está bem, querida — disse ele, antes de reabrir o jornal e voltar ao estado de repouso que eu conhecia tão bem.

Quando entrei na cozinha, minha mãe estava cortando floretes de brócolis, que eram colocados ao lado de uma pilha de kiwis fatiados. De uma caixa de som, saía a voz de uma mulher falando alto e devagar sobre a necessidade de corresponder ao desejo sexual masculino.

— O que é isso? — perguntei.

— É o audiolivro *Intercourse*, da Andrea Dworkin.

— É... o quê? — perguntei, e abaixei um pouco o volume.

— Andrea Dworkin. Ela é uma feminista famosa. Você deve saber quem é, uma moça grandona, mas sem muito senso de humor. É uma mulher muito inteligente e...

— Eu sei quem é Andrea Dworkin, estou querendo saber por que você está ouvindo o audiolivro dela.

— Para o “Vinho nas entrelinhas”.

— É o seu clube do livro, que você comentou?

Ela suspirou, irritada, e pegou um pepino na geladeira.

— Não é um clube do livro, Nina, é um salão literário.

— Qual é a diferença?

— Bem — começou minha mãe, curvando os lábios levemente, sem conseguir esconder o prazer que sentia por ter que, mais uma vez, explicar a diferença entre um clube do livro e um salão literário. — Eu e as meninas decidimos organizar uma reunião bimestral para discutir ideias, em vez de apenas falar sobre o livro em si, por isso é muito menos rígido.

Cada salão tem um tema e inclui discussões, leituras de poesia e relatos pessoais relacionados ao tema.

— Qual é o tema do próximo?

— O tema é: Todo sexo heterossexual é estupro?

— Certo. E quem vai participar?

— Annie, Cathy, Sarah do meu clube de corrida, Gloria, o primo gay da Gloria, Martin, Margaret, que é voluntária comigo no brechó beneficente. Cada um leva um prato. Estou preparando espetinhos de queijo — contou ela, enquanto levava a tábua de corte até o liquidificador e enfiava nele uma variedade de frutas e vegetais.

— Por que esse súbito interesse pelo feminismo?

Minha mãe ligou o liquidificador, dando início a uma cacofonia de zumbidos, enquanto os cubos viravam uma gosma verde-clara.

— Não sei se eu diria que é súbito — gritou ela, mais alto que o rugido eletrônico.

Então, desligou o liquidificador e despejou o líquido de aparência fibrosa em um copo de meio litro.

— Que legal, mãe — comentei, tentando ser mais gentil. — Acho incrível que seja tão engajada e curiosa.

— É legal, sim — disse ela. — E sou a única que tem espaço em casa, por isso disse que podemos usá-lo para as reuniões do “Vinho nas entrelinhas”.

— Mas não tem espaço sobrando aqui.

— O escritório do seu pai.

— O papai precisa do escritório dele.

— O escritório vai continuar lá para ele. Só não faz sentido ter um cômodo inteiro que só é usado ocasionalmente, como se morássemos no Palácio de Blenheim.

— E os livros dele?

— Vou trazer para as estantes aqui embaixo.

— E a papelada dele?

— Arquevei tudo o que era importante. Dá pra jogar fora um monte de coisas.

— Por favor, me deixa dar uma olhada — pedi, com a entoação de uma criança malcriada. — Pode ser importante para ele. Pode ser importante para nós no futuro, quando precisarmos do máximo possível de informações para refrescar a memória dele, para lembrar a ele de...

— Claro, claro — disse ela, tomando um gole do smoothie, com as narinas dilatadas de desprazer. — Está tudo lá em cima em algumas pilhas, dá pra ver da escada.

— Tá certo, obrigada — falei com um meio-sorriso, como uma oferta de paz.

Fiz uma respiração de ioga, profunda e imperceptível, antes de mudar de assunto.

— Tem mais alguma novidade?

— Nada importante. Ah, decidi mudar meu nome.

— O quê? Por quê?

— Nunca gostei de Nancy, é muito antiquado.

— Você não acha estranho mudar agora? Todo mundo conhece você como Nancy, é tarde demais para um novo nome pegar.

— O que você está dizendo é que estou muito velha — retrucou ela.

— Não, só estou dizendo que talvez fosse mais apropriado adotar um novo nome na primeira semana da escola secundária, não aos cinquenta e poucos.

— Ora, decidi que vou mudar, já pesquisei como se faz e descobri que é muito fácil. Portanto, estou decidida.

— E qual vai ser o seu novo nome?

— Mandy.

— *Mandy?*

— Mandy.

— Mas... — Fiz outra respiração profunda de ioga. — Mandy não é tão diferente de Nancy, é? Quer dizer, os nomes meio que rimam.

— Não, eles não rimam.

— Rimam, sim, isso se chama assonância.

— Eu sabia que você ia reagir desse jeito, que ia encontrar uma forma de me criticar, como sempre faz. Não sei por que isso é um problema para você, eu só quero amar o meu nome.

— Mãe! — supliquei. — Não estou criticando. Só que isso é uma coisa muito estranha para anunciar do nada.

— Não é do nada, eu sempre disse que gosto do nome Mandy! *Sempre* falei que é um nome descontraído e estiloso.

— Tudo bem, é descontraído e estiloso, você tá certa, mas você precisa considerar... — baixei a voz antes de continuar: — ... que talvez essa não seja a melhor hora para o papai entender que a mulher com quem está casado há 35 anos vai passar a atender por um nome completamente diferente.

— Não seja absurda, é uma mudança muito simples — insistiu ela. — Não precisa levar tudo tão a sério.

— Só vai confundir o papai.

— Não posso falar sobre isso agora — disse ela. — Estou indo fazer ioga com a Glória.

— Você não vai comer com a gente? Vim até aqui para almoçar com vocês.

— Está cheio de comida em casa. Você não é a cozinheira? Volto em algumas horas — encerrou ela, e pegou as chaves.

Voltei para onde meu pai estava, ainda absorto no jornal.

— Pai?

— Sim, Bean? — disse ele, virando a cabeça para mim.

Senti uma onda de alívio ao ouvir o apelido de infância que ele me dera. Como todos os bons apelidos de infância,

aquele também sofreu muitas variações complicadas e sem sentido. O que antes era Ninabean se transformou em Mr. Bean, Bambeanie, Beaniebean e finalmente apenas Bean.

— A mamãe saiu, então vou fazer um almoço para nós daqui a pouco. O que você acha de uma frittata?

— Frittata — repetiu ele. — Como é mesmo o nome disso quando a gente come em casa?

— É uma omelete metida a besta. Imagine uma omelete de restaurante.

Ele riu.

— Que delícia.

— Só vou resolver algumas coisas lá em cima antes, depois vou cuidar do almoço. Você quer uma torrada para enganar a fome? Ou alguma outra coisa?

Olhei para o rosto dele e me arrependi de não ter simplificado a pergunta. No geral, meu pai ainda era capaz de tomar decisões rápidas, mas de vez em quando eu o via se perder em possíveis respostas e pensei que poderia ter evitado isso ao perguntar apenas: “Torrada, sim ou não?”

— Talvez — disse ele, franzindo a testa ligeiramente. — Não sei, vou esperar um pouco.

— Tudo bem, qualquer coisa, é só me falar.

Arrastei as três caixas para meu quarto, que não tinha mudado nada desde que saí da casa dos meus pais, mais de uma década atrás, e parecia uma réplica de museu, mostrando como as adolescentes viviam do início para o meio da década de 2000. Paredes lilás, colagens de fotos de colegas da escola no guarda-roupa e, no espelho, uma fileira de pulseiras de festivais que Katherine e eu colecionamos juntas. Examinei os papéis no chão, a maioria deles um testemunho do tempo e de planos feitos, mas sem sentimentos ou relacionamentos envolvidos: pedaços de páginas de agen-

das da Filofax com datas de consultas ao dentista e eventos escolares do final dos anos 1990, pilhas de jornais antigos com matérias que provavelmente despertaram o interesse do meu pai. Peguei da pilha alguns cartões e cartas: um cartão-postal com um texto longo atrás, escrito pelo falecido irmão dele, meu tio Nick, reclamando da comida gordurosa de Paxos, um cartão de um ex-aluno agradecendo por escrever a carta de recomendação para a inscrição em Oxford e uma foto do rapaz, radiante, no dia da formatura, em frente ao Magdalen College. Minha mãe estava certa, o papai não precisava daquelas relíquias banais, mas eu compreendia a vontade de guardá-las. Eu também tinha caixas de sapatos com ingressos de cinema dos primeiros encontros com Joe e contas de apartamentos em que não morava mais. Nunca soube dizer por que era importante manter esses registros, mas era. Pareciam uma prova de experiências vividas, caso fosse necessária em algum momento, como uma carteira de motorista ou um passaporte. Talvez meu pai sempre tivesse previsto, de alguma forma, a necessidade de registrar a passagem do tempo em papéis, páginas de Filofax, cartas e cartões-postais, para o caso de seus arquivos mentais serem apagados.

De repente, ouvi o apito agudo do detector de fumaça. Desci a escada correndo, seguindo o cheiro de queimado. Encontrei meu pai parado na cozinha, tossindo, debruçado sobre uma torradeira fumegante, retirando dela páginas carbonizadas do jornal.

— Pai! — gritei mais alto que o zumbido fino e estridente do alarme, agitando as mãos para tentar dissipar a fumaça. — O que você está fazendo?

Ele se sobressaltou e me olhou, como se estivesse saindo de um sonho. Espirais de fumaça subiam do pedaço de jornal

dobrado e chamuscado em sua mão. Ele olhou para a torradeira e novamente para mim.

— Não sei — falou.

Nina Dean chegou aos trinta anos melhor do que esperava. Ela é uma escritora de culinária bem-sucedida, tem ótimos amigos e uma família amorosa, e acaba de comprar um apartamento. Quando ela conhece Max num aplicativo de relacionamento, um cara romântico e sedutor, parece que tudo está dando certo.

Os dois têm química, o papo é bom, eles adoram dançar e têm um apreço particular por músicas ruins, além de saberem rir das próprias piadas. Par perfeito. Sorte divina. Mas, como diz o ditado, tudo o que é bom dura pouco.

Um belo dia, Max simplesmente para de responder às mensagens de Nina. Por livre e espontânea vontade. Não morreu. Não foi sequestrado. Apenas sumiu. O cara que disse no primeiro encontro que queria casar com ela simplesmente desapareceu.

Agora Nina vai ter que lidar com as consequências de suas expectativas frustradas e, ainda por cima, encarar todas as outras dificuldades que envolvem sua família e sua vida profissional, que há tempos ela vinha varrendo para debaixo do tapete.

Divertido e emocionante, o romance de estreia de Dolly Alderton é cheio de observações inteligentes sobre relacionamentos, família, memória e a vida moderna.

## **SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1246/>